



EDUCAÇÃO E EMANCIPAÇÃO: REFLEXÕES A PARTIR DA OBRA DE THEODOR ADORNO

Flávia Bento Farias¹

RESUMO

O presente artigo visa, a partir de uma revisão bibliográfica da obra *Educação e Emancipação*, de Theodor Adorno, refletir sobre os desafios e as possibilidades de construção de uma educação voltada a emancipação em contextos de barbárie. Reconhecer as situações de barbárie e discutir essa temática precisa fazer parte do cotidiano educacional. Nossas reflexões são pautadas na Teoria Crítica que nos permite ir além da mera descrição de fatos, mas compreender como esses fenômenos são e como poderiam ser a partir de algumas questões pontuais abordada pelo autor na obra citada. Adorno não produziu de fato uma teoria educacional, entretanto suas provocações são importantes para a análise da situação da realidade educacional atual e formação humana permitindo a emancipação do sujeito.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Barbárie. Emancipação.

O nascer de um filósofo e sua teoria

Theodor Ludwig Wiesengrund-Adorno (1903-1969), nasceu em Frankfurt, Alemanha, no dia 11 de setembro de 1903. Filho de Oscar Alexander Wiesengrund, de origem judaica, comerciante de vinhos e de Maria Calvelli-Adorno, uma cantora lírica, descendente de italianos católicos. Teve uma infância provida econômica e culturalmente, nos moldes de uma criança da alta burguesia europeia. Ainda que precoce, aos quinze anos, se envolve com os estudos da filosofia clássica, por influência de amigo da família. Theodor Adorno segue os cursos de filosofia, sociologia, psicologia e música.

Em 1922, com dezenove anos, conhece Max Horkheimer num seminário e um ano depois Walter Benjamin. Forma-se aos vinte e um anos de idade sob orientação de Hans

¹ *Mestranda em Educação PPGEdU/UFMT/CUR*



Conelius, que também foi professor de Horkheimer e Pollack. Adorno apesar de filósofo, sociólogo e musicólogo, teve seu nome e imagem ligados à “Teoria Crítica”, desenvolvida no Instituto de Pesquisas Sociais, vinculado à Universidade de Frankfurt, com um prédio próprio e autonomia financeira.

A “Escola de Frankfurt” nasce em 1923 após uma semana de estudos marxistas que ocorreu na Turíngia organizada por Felix Weil e contou com a participação dos grandes pensadores europeus da época. Ratificou-se então, o plano de formação de um Instituto de Pesquisa Social. O primeiro diretor do Instituto foi Carl Grünberg, historiador e marxólogo. Em sua gestão o instituto edita a revista Arquivo da história do Socialismo e do movimento dos trabalhadores. Marx Horkheimer assume a direção do Instituto em 1930 com a proposta de análise crítica do capitalismo e oposição a teoria tradicional, tomando a sociedade como objeto e rejeitando a ideia de produção cultural independente da ordem social em vigor.

Este trabalho é realizado por uma equipe multidisciplinar. “Esse foi o primeiro sentido da Teoria Crítica tal como teorizada por Horkheimer nesse período: pesquisadores de diferentes especialidades trabalhando em regime interdisciplinar tendo como referência comum a tradição marxista.” (NOBRE, 2004, p. 15)

Em 1941 Adorno e Horkheimer ocupavam-se, exclusivamente, com a elaboração da Dialética do Esclarecimento, concluída em 1944 e publicada apenas em 1947 em Amsterdã. A obra é a negação crítica da visão racionalista e progressista acerca da história, voltada mais a dominação do que à emancipação. Em determinado momento desta obra é feita a descrição da “indústria cultural” que com a propagação dos meios de comunicação de massa possibilitou a fabricação da cultura e a imposição desta que cada vez mais perde seu caráter emancipatório, tornando-se mais um elemento a favor dos regimes autoritários.

No período de 1944 – 1947 Adorno produz a obra *Mínima Moralía*: reflexões sobre a vida danificada, é um livro de reflexões sobre a sociedade a partir dos fatos de vida cotidiana e também apresenta um protesto contra o genocídio. Em 1950 publica a pesquisa intitulada *A personalidade autoritária*: estudos sobre o preconceito, que constituiu num conjunto de investigações empíricas a respeito da dinâmica de interações psíquicas do indivíduo e as condições sociais e políticas da sociedade. Na pesquisa foi utilizada a “Escala F” (constituída



de nove categorias de análises) para detectar indícios de autoritarismo e propensão a ascensão dos regimes totalitários. Foi constatado que o momento era propício à ascensão destes regimes.

Sua produção bibliográfica continua intensa na década de 60. Participa de um grande número de conferências e entrevistas sobre diversos temas relacionados à cultura, música e educação. Algumas entrevistas ocorreram nas rádios de Hassem e Frankfurt, entre elas, as mais expressivas foram “Educação após Auschwitz” (1965) e “Educação e emancipação” (1969).

Em 1967 Adorno assume a direção do Instituto após a aposentadoria de Horkheimer. No dia 6 de agosto de 1969 o filósofo morre subitamente na Suíça onde passava suas férias. Deixou vários ensaios que produzira ao longo dos anos e que pretendia publicar. Suas ideias profundas e complexas são fontes ricas para a compreensão de um determinado período histórico e ao mesmo tempo fornecem subsídios para a leitura da realidade atual. Nessa perspectiva, pode-se dizer que o campo educacional foi privilegiado com suas contribuições conforme apresentaremos a seguir.

A Teoria Crítica

Theodor Adorno e Max Horkheimer ao compreenderem a importância de abrir o debate com os diversos especialistas desenvolvem uma teoria, ou um modo de conceber e interpretar os fatos diferente do modo tradicional de fazer ciência. A Teoria Crítica surge como uma forma de repensar e sobretudo refletir criticamente sobre os fenômenos. No contexto histórico de sua época, compreender a teoria crítica implicaria em compreender a negação ao considerar o marxismo como uma verdade absoluta. Enquanto Marx preocupou-se com a sociedade de classes e o trabalho, a Escola de Frankfurt ocupou-se com todo o contexto (cultural, econômico, educacional...), buscando outras áreas do conhecimento para explicar a irracionalidade.

Para Adorno, o fato de o marxismo ortodoxo ter dado uma ênfase excessiva à esfera econômica, em detrimento das demais esferas da totalidade, se explica também pelo fato de a teoria refletir algumas variáveis históricas, como o dramático aumento das forças industriais de produção, a partir já do final do século XIX, e a consciência sindical economicista de uma classe operária crescentemente integrada. (PUCCL, 1994, p. 16)

Dessa maneira, Adorno afirmava que é necessário atribuir o mesmo peso dado à economia aos demais fatores psicológicos, culturais e sociais. Em 1941 junto com Max



Horkheimer, Adorno escreve a Dialética do Esclarecimento onde propõe uma Teoria Crítica da Sociedade e temas relacionados à sociedade industrial sob forte influência de Kant e Hegel. Assim, a teoria crítica conserva os ideais iluministas que por meio da razão busca libertar o homem e leva-lo à emancipação.

A teoria tradicional, marcada pelo positivismo, busca resultados objetivos, aplicabilidade prática, contenta-se em relatar os fatos tal como são, descrição, classificação e generalização dos fenômenos. Os fatos são dissociados dos valores, o conhecimento relaciona-se apenas com aquilo que é. Contrapondo-se a isso, a teoria crítica, como uma escola de pensamento, almeja que o indivíduo não aceite a ordem totalitária imposta, não basta constatar os fatos, e sim fazer a leitura destes como um fator que estimula e que transforma. A teoria crítica almeja não apenas a ampliação do saber, mas sim a emancipação humana de uma situação escravizadora. São nas contradições da sociedade que se iniciam as formas de investigação social em relação ao que é e o que deveria ser. Não é descartada a necessidade de classificar, organizar e fazer levantamentos, mas isso só não basta. A teoria crítica é marcada pela autorreflexão, na tentativa de vislumbrar outras possibilidades.

A partir das análises da sociedade de consumo Adorno e Horkheimer percebem que a sociedade capitalista utiliza-se da razão instrumental para reproduzir e ampliar os interesses das classes dominantes. Para Pucci, “*a sociedade unidimensional, liderada pelos técnicos e pela ciência, se transformou em instrumento de produção e dominação.*” (PUCCI, 1994, p. 23). Assim, as dimensões críticas e subjetivas da razão são menosprezadas em nome da ciência positivista, ou seja, uma razão meramente instrumental que propõe reificar as consciências e que nega a dimensão emancipatória. O conhecimento torna-se sinônimo de poder e a Indústria Cultural é a manifestação concreta disso.

E assim, a Indústria Cultural cumpre perfeitamente duas funções particularmente úteis ao capital: reproduz a ideologia dominante ao ocupar continuamente com sua programação o espaço de descanso e de lazer do trabalhador; vende-lhe os produtos culturais da mesma maneira que lhe vende os bens de consumo. Difunde por todos os cantos a pseudodemocrática ideologia do vendedor, do acesso fácil a todos os bens espirituais enquanto mercadorias. (PUCCI, 1994, p. 27)

Assim, a Indústria Cultural massifica e confere a tudo um ar de semelhança, de empobrecimento cultural, em semiformação e transformou-se no mais sensível instrumento de



controle social. Nas palavras de Pucci, “*a Teoria Crítica era um sinal de resistência. Resistência aos irracionalismos da barbárie fascista, do autoritarismo estalinista, da semicultura capitalista.*” (PUCCI, 1994, p. 33).

Esse espírito de resistência presente na Teoria Crítica parece estar adormecido em nós. Acompanhamos tantas irracionalidades, barbáries e naturalizamos tudo isso, estamos cada vez mais reificados. As vezes parece que nada nos atinge, ou que os modelos totalitários e autoritários tornaram-se corriqueiros que usamos um véu para não ver com clareza a dimensão da situação política, econômica e social da atualidade. É preciso resgatar o olhar, a sensibilidade e a cultura. É urgente que tenhamos espaços para discutir, para pensar, pois esses pequenos momentos podem gerar grandes mudanças. Adotar a postura da crítica diante dos fatos é urgente e necessário.

Que Auschwitz não se repita!

Entre a vasta produção bibliográfica de Theodor Adorno, vamos nos deter a obra *Educação e Emancipação*, que reúne os registros das palestras e entrevistas dadas à rádio do Estado de Hessen, em que Adorno foi convidado a participar da série: *Questões Educacionais da Atualidade* no período de 1959 – 1969. É válido ressaltar que o filósofo desenvolve uma concepção de educação e não uma teoria, também não discutiu o conceito de emancipação com finalidade pedagógica, e sim, a libertação do sujeito do processo de dominação da consciência debatido também em suas produções sobre a indústria cultural. O que podemos absorver da sua obra, é uma teoria social que motiva os sistemas de ensino a ir contra a lógica da dominação imposta social e culturalmente por um modelo capitalista. Promover a capacidade do sujeito em libertar-se dessa condição para o esclarecimento deveria ser a razão de existir da escola e dos sistemas de ensino em geral.

Apesar da variedade de temas debatidos, cultura, meios de comunicação, formação de professores, entre outros, o texto “*Educação após Auschwitz*” (Palestra na Rádio de Hessen transmitida em 18 de abril de 1965) e “*Educação e emancipação*” (Debate entre Adorno e Becker na rádio de Hessen, transmitido em 13 de agosto de 1969), consagram o pensamento de Adorno acerca do humano, da cultura e principalmente da educação. Assim, vamos refletir



sobre educação à luz desses dois escritos de suma importância e que se encontram na obra citada.

Ao exigir que Auschwitz não se repita o autor nos provoca a “elaborar o passado” e a não esquecer a barbárie com que a humanidade deparou-se para que isso não ocorra novamente. *“O perigo de que tudo aconteça de novo está em que não se admite o contato com a questão, rejeitando até mesmo quem apenas a menciona, como se, ao fazê-lo sem rodeios, este se tornasse o responsável, e não os verdadeiros culpados.”* (ADORNO, 1995, p. 125). Para isso, julga fundamental, o esclarecimento da população afim de produzir um clima intelectual, cultural e social que possibilite a reflexão e autonomia, pois assim não haveria condições favoráveis para instaurar-se novamente a barbárie. Nas palavras de Adorno, *“a tentativa de superar a barbárie é decisiva para a sobrevivência humana.”* (1995, p. 156). Buscou compreender a formação do caráter manipulador de cada indivíduo e tentou identificar os motivos os quais levam os sujeitos em condições iguais a apresentarem comportamentos diferentes (como já citamos anteriormente com a pesquisa da Personalidade Autoritária e a escala F).

Dessa maneira, percebeu que a educação é ferramenta de prevenção desde que tenhamos clareza do ser humano que está diante de nós e a serviço do que e/ou de quem estamos contribuindo para este processo de formação. Assim, para Adorno, *“A educação tem sentido unicamente como educação dirigida a uma auto-reflexão crítica.”* (1995, p. 121). Nos parece muito pertinente e atual esta questão. Ainda estamos em busca dessas respostas e desafiados à fazer uma leitura e reflexão crítica sobre a educação.

O filósofo alerta aos educadores sobre a importância da educação das crianças, com ênfase na primeira infância, pois é nesta fase que o caráter é formado e consolidado. Sem a pretensão de ditar um modelo ou projeto de educação nesses termos mas sugerindo que o conteúdo ético do processo formativo esteja presente e seja valorizado. Assim como reforça a necessidade ao esclarecimento geral da sociedade e da constituição de espaços de verdadeira reflexão.

Outro ponto de destaque, são as diferenças culturais percebidas por Adorno entre o campo e a cidade, sem desmerecer um ou outro, o filósofo salienta que a desbarbarização no campo foi um processo mais lento tendo em vista as condições precárias de acesso à cultura



(ênfatizando, neste ponto, a importância das transmissões de televisão no campo, a fim de sensibilizar e provocar as discussões sobre as temáticas atuais naquele contexto) e os processos de escolarização oferecidos à esta população. Neste aspecto, podemos fazer uma breve referência à outro texto que compõe a obra analisada, que é “Televisão e formação”. Esse texto é a transcrição de um programa de rádio que Adorno participou junto com o professor Becker discutindo a temática. Adorno, salienta o caráter formativo da televisão, entretanto, alerta que se por um lado a televisão se coloca a serviço da formação cultural (expressando seu viés pedagógico), por outro, aponta o caráter “deformativo” quando a mesma opera em relação à consciência das pessoas. Constatamos isso no seguinte trecho

Entretanto, suspeito muito do uso que se faz em grande escala da televisão, na medida em que creio que em grande parte das formas em que se apresenta, ela seguramente contribui para divulgar ideologias e dirigir de maneira equivocada a consciência dos espectadores. (1995, p. 77)

É assustador pensar que o questionamento levantado pelo autor na década de 60 ainda é tão atual. Desenvolver aptidões críticas ao assistir à programação oferecida pela televisão sem ser iludido ou sem subordinar-se à ela ou aos outros meios de comunicação da atualidade, segue como desafio. Pois a tentativa de incutir nas pessoas uma falsa consciência e um ocultamento da realidade (abordado também na Dialética do Esclarecimento) ainda é o grande objetivo de uma mídia a fim de servir e manter o sistema capitalista.

O pensamento de Adorno sobre as diferenças marcantes entre o campo e a cidade pode ser convertido para uma análise atual entre as zonas centrais e periféricas das cidades, sobretudo nas grandes metrópoles. O acesso aos teatros, cinemas, museus e até mesmo a música e a literatura ainda não existe da mesma forma para todos. Estes fatores acabam propiciando relações embrutecidas e marcadas pela violência, expressas na comunicação, na linguagem e nos comportamentos agressivos, ou seja, permanecemos construindo espaços de barbáries nas cidades.

Em relação a desbarbarização, Adorno apontou o esporte também como instrumento de grande potencial na contribuição desse processo, entretanto, não deixou de explicitar seu caráter ambíguo. Se por um lado podemos destacar o *fair-play*, o respeito pelo adversário e a importância do trabalho em equipe, por outro lado, algumas modalidades podem promover agressão, brutalidade e até mesmo a barbárie por parte dos competidores (vencedores x



perdedores) e ainda mais dos espectadores, que não estão submetidos aos esforços físicos nem à disciplina do esporte, porém conservam uma agressividade em nome dos costumes ou dos ritos que caracterizam suas condutas. Por isso é necessário pensar com rigor sobre essas questões e suas implicações no coletivo para que não haja distorções.

Neste sentido é importante ressaltar a necessidade da educação, e sobretudo, da escola com essas questões que giram em torno de condutas violentas. Pensar que certas “brincadeiras” são naturais entre crianças e jovens ou que fazem parte de uma cultura escolar para serem aceitos em determinados grupos precisam ser desnaturalizados. A negação dessas situações são extremamente perigosas, pois reforçam e promovem condutas que ferem a dignidade da pessoa humana. Assim, Adorno salienta que

É preciso se opor àquele tipo de folkways, hábitos populares, ritos de iniciação de qualquer espécie, que infligem dor física – muitas vezes insuportável – a uma pessoa como preço do direito de ela se sentir um filiado, um membro do coletivo. A brutalidade de hábitos tais como trotes de qualquer ordem, ou quaisquer outros costumes arraigados deste tipo, é precursora imediata da violência nazista. Não foi por acaso que os nazistas enaltecem e cultivaram tais barbaridades com o nome de costumes. (1995, p. 128)

Para que efetivamente Auschwitz não venha a se repetir, precisamos repensar nossos modos de ser e estar no mundo, nas nossas relações, assim como na educação formal e não formal. Uma educação que estimule a reflexão, a autonomia e a cooperação se faz necessária. Continuamos com ideias educacionais tradicionais, pautadas na severidade, na disciplina (dos corpos e mentes), repressiva e manipuladora. O que reforça a manutenção da sociedade nos padrões atuais e a perpetuação da barbárie, da indiferença, do medo e da intolerância rompendo com a ideia de consciência coisificada.

Se as pessoas não fossem profundamente indiferentes em relação ao que acontece com todas as outras, excetuando-se o punhado com que mantém vínculos estreitos e possivelmente por intermédio de alguns interesses concretos, então Auschwitz não teria sido possível, as pessoas não o teriam aceito. (ADORNO, 1995, p. 134)

O mais assustador, na atualidade, é que as condições para que tal barbárie ressurgja estão latentes, por isso a necessidade de dar visibilidade à sociologia, filosofia e política enquanto ciências do conhecimento, mas sobretudo quanto ao despertar de consciências da população em geral. Não conseguimos vislumbrar outro caminho para introduzir este debate que não seja pelo



viés da educação, do diálogo, do estudo deste legado que abate a humanidade, da elaboração do passado de uma educação verdadeiramente política.

É preciso destacar que Adorno deixa claro ter a consciência de que a educação sozinha não é capaz de superar todas essas questões, todavia, sem ela seria quase impossível vislumbrar alguma mudança. A maior dificuldade da educação e da escola é lutar contra a não-emancipação, afinal há uma resistência e repressão muito grande refletida em ações e até mesmo políticas públicas para demonstrar a não viabilidade deste que é seu dever enquanto educação: emancipar homens e mulheres para que digam a sua palavra mediados pelas leituras que fazem do mundo. Neste sentido, o trabalho do educador é extremamente árduo e muitas vezes até desanimador, *“Aquele que quer transformar provavelmente só poderá fazê-lo na medida em que converter esta impotência, ela mesma, juntamente com a sua própria impotência, em um momento daquilo que ele pensa e talvez daquilo que ele faz.”* (Adorno, 1995, p. 185).

No texto Educação e emancipação, o professor Becker faz uma reflexão pertinente sobre os “jogos de emancipação”, tais como se dão na escola ou como pseudo-emancipações. Aqueles momentos em que ofertamos possibilidades de escolhas dentro de um programa pré-estabelecido, de administração estudantil (como os grêmios estudantis), que também seguem normas e diretrizes já estabelecidas trazendo a ideia de uma falsa autonomia. Para isso é preciso compreender a emancipação como um processo dinâmico, como um vir-a-ser e então visualizar quais são os reais entraves para que se concretize:

O motivo evidentemente é a contradição social; é que a organização social em que vivemos continua sendo heterônoma, isto é, nenhuma pessoa pode existir na sociedade atual realmente conforme suas próprias determinações; enquanto isto ocorre, a sociedade forma as pessoas mediante inúmeros canais e instâncias mediadoras, de um modo tal qual absorvem e aceitam nos termos desta configuração heterônoma que se desviou de si mesma em sua consciência. (Adorno, 1995, p. 181)

Dessa forma, percebemos que não fomos e muito provavelmente não estamos educando para a emancipação e para o esclarecimento. Adorno ressalta que nem mesmo na literatura pedagógica da época não se encontrava com clareza um significado para emancipação. A utilização de termos como compromisso, por exemplo, desqualificam e perdem a força não só da palavra, mas de todos o significado que a mesma carrega. Talvez a questão poderia parecer



ameaçadora para os padrões vigentes do período em que criticou e porque não os atuais. Assim, ratifica-se que a emancipação precisa ser acompanhada de uma afirmação do eu, de uma representação sólida, de um posicionamento, de um pensamento crítico e autônomo e de uma leitura ampla da realidade.

Reflexões sobre a Educação a partir da obra de Adorno

Theodor Adorno nos convida a fazer uma experiência de desconstrução da realidade tal como vemos ou como está posta. Refletir sobre educação e emancipação no contexto da segunda guerra mundial (1939 – 1945) foi inovador. Em uma Alemanha marcada pelo holocausto, pelo extermínio sistemático dos judeus com protagonismo do governo nazista, com a criação de campos de concentração, com um planejamento frio e organizado visando o extermínio de uma determinada população em busca de uma eugenia, pensar a educação para as futuras gerações era uma tarefa muito complexa.

O clamor para que Auschwitz não se repita precisa permanecer ecoando e vivo em todos nós. Não podemos nos permitir esquecer da maior barbárie da história da humanidade. Por isso, Adorno faz questão de nos lembrar que qualquer debate que seja feito a respeito da educação deve ter como premissa básica a não repetição da barbárie. Pois, parece-nos que a civilização, de certa forma, incita e fortalece progressivamente o que não é civilizatório. Os extremismos ao longo da história mostraram o quão perigoso esse pensamento pode levar com a ascensão de regimes totalitários.

Longe de estabelecer uma teoria sobre educação, suas posições giram em torno da promoção humana, do pensamento e de uma Teoria Crítica, da autonomia, da auto-reflexão o que gera a emancipação. A função educativa do refletir abordada por Adorno resgata a dimensão humana para além da mercadoria, da coisificação, isto de fato é educativo, é formativo e emancipador. Fazer da escola este espaço ainda é um grande desafio, pois é preciso uma formação humana e docente sólida e de qualidade comprometida com a ética, com o olhar sobre as individualidades, afinal, a homogeneização só serve para produção das massas. Promover o diálogo, o debate de ideias sem a preocupação em concordar ou discordar e sim em refletir é uma marca do seu pensamento que precisamos exercitar.



Diante disto, nos parece urgente uma reforma de pensamentos e de posturas da educação, pois a escola continua seguindo a lógica da Teoria Tradicional, positivista, industrial, burocrática e capitalista. Submeter os currículos e programas à autorreflexão é fundamental para ter clareza a que modelo social estamos servindo. Sabemos que a escola não é o único espaço destinado à desalienação, porém é um dos mais importantes, e é preciso que os educadores assumam uma posição diante do momento histórico em que vivemos, afinal o processo educativo não pode ser visto isolado da sociedade. O momento da negação e do desvelamento da realidade é o ponto de partida do pensamento crítico, é por meio desta negação que conseguimos vislumbrar as transformações necessárias.

Como salienta Adorno, quem pensa que Auschwitz não foi tão grave já assumiu uma posição diante do que aconteceu e seria até mesmo capaz de colaborar para que tudo se repetisse. Por isso a importância de estimular a cultura, a arte, a música e a educação como ferramentas de sensibilização, esclarecimento e emancipação humana, formando cidadãos do mundo e para o mundo comprometidos com a humanização. É preciso resgatar a esperança na educação e na humanidade. Esperança não no sentido de quem espera passivamente que a educação resolva tudo, que as pessoas mudem ou que o mundo se transforme. Esperança no sentido de ir em busca, de expandir de pulverizar que uma nova forma de ver, sentir e de fazer a história é possível.

Referências:

- ADORNO; Theodor. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. (Tradução de Wolfgang Leo Maar)
- JAY; Martin. **As ideias de Adorno**. São Paulo: Cultrix, 1988. (Tradução de Adail Ubirajara Sobral)
- NOBRE; Marcos. **A teoria crítica**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- PUCCI; B., OLIVEIRA; N., ZUIN; A. **Adorno: o poder educativo do pensamento crítico**. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.
- PUCCI; Bruno. **Teoria Crítica e Educação: A questão da formação cultural na Escola de Frankfurt**. Petrópolis, RJ: Vozes; São Carlos, SP: Edufiscar, 1994.